



## PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS A PARTIR DE DEUTERONÔMIO 6

Antonio Rael do Lago Diniz<sup>1</sup>

Weverton de Paula Castro<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma abordagem sobre os princípios educacionais encontrados em Deuteronômio 6 e tem como objetivo estudar a educação no contexto Judaico-cristão. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, além de consultas a fontes de referências pertinentes ao assunto, como a própria Bíblia, dicionários e léxicos. Ainda dentro da questão metodológica, será utilizado a exegese Bíblica. Percebeu-se que esse texto é de suma importância no que se refere à educação cristã e que o mesmo apresenta que a principal responsabilidade de educar vem dos pais. Além disso, essa educação tem como base a revelação Divina que é a Bíblia e ela tem objetivo de redimir o educando, preparando o mesmo para a eternidade, sem perder a importância do conhecimento válido para essa terra.

**Palavras-chave:** Educação Cristã. Princípios Educacionais. Deuteronômio. Educação Adventista.

### ABSTRACT

This article presents an approach to the educational principles found in Deuteronomy 6 and it aims to study education in the Judeo-Christian context. The methodology used was bibliographic research, in addition to consultations with reference sources relevant to the subject, such as the Bible itself, dictionaries and lexicons. Still within the methodological issue, Biblical exegesis will be used. It was noticed that this text is of paramount importance with regard to Christian education. And that the same presents that the main responsibility to educate comes from the parents. Furthermore, this education is based on Divine revelation, which is the Bible and it has objective of redeeming the student by preparing him for eternity without losing the importance of valid knowledge for this earth.

**Keywords:** Christian education. Educational Principles. Deuteronomy. Adventist Education.

---

1. Formando do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA).

2. Mestre em Ciências da Religião (UEPA) e professor na Faculdade Adventista da Amazônia. E-mail: weverton.castro@faama.edu.br



## 1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos e um dever da família e do estado garantido pela LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Mesmo assim, segundo o pesquisador Haller Schunemann (2009), diversas igrejas têm parte ativa na educação brasileira com suas escolas confessionais, exercendo assim, uma grande influência na educação. A igreja Adventista do Sétimo Dia, por sua vez, vem educando e formando crianças, jovens e adultos há mais de 100 anos, faz parte desse legado de educação confessional (MENSLINE, 2017), estando entre as maiores redes de educação, nesse quesito, do mundo; só no Brasil são 500 unidades de ensino, com cerca de 220 mil alunos, procurando trabalhar uma educação integral, com um slogan “muito além do ensino”.

O presente artigo propõe estudar os princípios educacionais a partir de Deuteronômio 6. O problema central deste trabalho pode ser resumido na seguinte questão: quais são os princípios educacionais encontrados em Deuteronômio 6? O capítulo 6 de Deuteronômio é conhecido como um dos principais textos bíblicos no quesito da educação (SOUZA, 2014). Diante disso é de extrema importância conhecer os princípios educacionais nele encontrados, tendo em vista que esse trabalho abordará a educação em uma visão Judaico-cristã. No entanto, sua importância não se delimita às redes educacionais, mas também para a família e a sociedade.

A metodologia que será utilizada é a de pesquisa bibliográfica, buscando informações em artigos, livros, periódicos e comentários bíblicos para apresentar uma nova e relevante abordagem ao tema. Além disso, serão feitas algumas análises exegéticas para se aprofundar em algumas palavras que são pertinentes para o bom entendimento do tema.

## 2 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO JUDAICO-CRISTÃO

A Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em seu Livro Pedagogia Adventista (2009, p. 15-19), fala que educação é fundamental para o desenvolvimento das pessoas em uma sociedade, o que a torna um fenômeno social histórico; além disso, no que se refere a uma visão bíblico-cristã a educação tem seu início ainda no jardim do Éden assim que Deus cria o ser humano, passando então, a Ele mesmo, a responsabilidade de assumir o papel de Mestre e Educador, enquanto Adão e Eva eram os alunos. No entanto, essa sessão abordará a educação no contexto judaico e cristão de uma forma mais específica, apresentando seu surgimento na nação Judaica e posteriormente no cristianismo, seu desenvolvimento e, principalmente, os princípios que as regem.

### 2.1 EDUCAÇÃO JUDAICA

“No livro de Claudino e Nelson Piletti (2013), intitulado “História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire”, o qual conta o surgimento da história da educação, eles enfatizam

também a origem da educação hebraica. Para eles, Moisés é grande referência no antigo testamento no que diz respeito a educação, tal essa que apresenta variações conforme o tempo avança e é influenciada pelas transformações sociais e políticas. No primeiro momento ela é centralizada na família, pois não havia escolas, mas após a escravidão é possível ver o surgimento da forma colegiada, na qual os sacerdotes se reuniam para estudar as Escrituras.

Motivados pela escravidão, Claudino Piletti e Nelson Piletti (2013, p. 25-27), destacam que os judeus se tornaram muito patriotas, afetando sua educação, e por conseguinte profissões como escribas e doutores da lei foram difundidas e, posteriormente, as escolas dos doutores da lei ficaram famosas. Destacam ainda que as escolas elementares surgem bem mais tarde na história judaica, mas, baseando-se nos escritos do Talmude, descrevem que aos seis anos o filho deveria ser levado à escola. Os pais também deveriam lhes ensinar uma profissão, geralmente a mesma do pai, inclusive tal fato é visto na vida de Jesus, que, como seu pai, exercia a profissão de carpinteiro. E os pesquisadores descrevem que o método principal de ensino se baseava na repetição e revisão.

O especialista em Ensino Religioso Elber Mendes (2014), em seu artigo “O conceito de educação informal na pedagogia judaica”, busca mostrar a importância da educação informal a partir de conceitos encontrados nas pedagogias judaica e cristã, e se vale principalmente do antigo testamento. O autor apresenta a educação judaica como um ensino que integra a prática, teoria e que é integral. A criança estava em contato constante com o que lhe era ensinado. O autor ainda destaca que “falar de Deus, do seu amor, dos seus propósitos, do seu caráter e de sua aliança, em Israel era um estilo de vida, de forma que não falavam apenas enquanto se assentavam, mas constantemente” (MENDES, 2014, p. 4). E, ainda segundo ele, o texto Bíblico de Deuteronômio 6,4-9 apresenta esses princípios bem nítidos. Já o especialista em psicopedagogia e mestrando em teologia Roney Cozzer (2018) amplia o significado desse texto. Para ele, nesse texto também se encontra o princípio para a educação cristã, visão também compartilhada pelo teólogo Adventista do Sétimo Dia, Renan Souza (2014).

Segundo o teólogo Roney Cozzer (2018), em seu artigo intitulado “Aportes para a educação cristã nos livros de sabedoria do antigo testamento”, que traz uma abordagem da educação nos livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão, antes de fazer uma abordagem cristã de educação, primeiro se apresenta as bases da educação judaica. Nesse ponto, ele enfatiza que os princípios da educação em Deuteronômio não se delimitam apenas àquele período, mas para a posteridade, e nele encontra-se o princípio de que os pais têm a responsabilidade primária de educar seus filhos. No entanto, ele acrescenta que na educação judaica os patriarcas, profetas, juízes e reis também tomavam parte ativa na educação.

O teólogo Claudionor de Andrade, por sua vez, em seu livro Teologia da Educação (2014), também afirma que na era patriarcal, estes eram quem tinham a responsabilidade de educar, sendo intitulados como, sacerdotes do seu lar. Ruy Bello, autor do livro Pequena



história da educação (1978), acredita ser possível dividir a história educacional dos hebreus em dois períodos: o antes do exílio, que pode ser chamado como educação israelita e depois do exílio, que segundo ele pode ser chamada de educação talmúdica.

Por outro lado, o doutor em Ciências da Religião e mestre em Educação, Edson Lopes, traz uma abordagem de educação mais centralizada nas leis judaicas. Em seu livro *Fundamentos da Teologia da Educação Cristã* (2019), afirma que a educação judaica tinha como base e centralidade a lei (Torá); dela eram escritos vários comentários, interpretações e complementações, que eram conhecidos como Mishaná, que o autor denomina como sendo os escritos mais importantes para os Judeus, depois do pentateuco. O mesmo ainda afirma que a educação judaica tinha sua centralidade na família, e antes de ter escolas, as crianças recebiam primeiramente dos pais as instruções morais e religiosas. Nos primeiros anos a criança ficava com as mães, no entanto na proximidade dos quatro anos, essa responsabilidade maior variava de acordo com o sexo da criança, a menina com a mãe e o menino com o pai. Desta forma, a menina aprendia os afazeres domésticos e o menino a profissão do pai. No entanto, ele ressalta que a maior responsabilidade dos pais era ensinar aos filhos a lei do Senhor e sua conduta moral. Por fim, ele fala que depois do exílio babilônico a responsabilidade de educar passou a ser partilhada entre os pais e os sacerdotes.

O doutorando Renan Souza (2014), em seu artigo intitulado “O ensino da bíblia e a educação cristã: reflexão teológica em Deuteronômio 6,4-9”, faz uma exegese de Deuteronômio 6,4-9, para verificar as principais expressões educacionais nele encontrado, a despeito da educação judaica, em tese, ele declara que os pais hebreus tinham a responsabilidade de inculcar nos filhos o legado da graça, para os mesmos reconhecerem Deus como seu único Senhor, e por fim, não só obedecer e guardar a aliança que foi firmada através de Moisés, mas também colocar na vida prática. “Quer seja através das repetições das orações, ensino dos preceitos da Torah, a guarda do sábado em família como memorial, quer seja por meio do sacrifício, a função memorial desses atos era ensinar o filho a ter a lei dentro de seu coração” (SOUZA, 2014, p. 19). Apresentando assim, uma forma bem teocêntrica e redentiva da educação.

## 2.2 EDUCAÇÃO CRISTÃ

A respeito da história da educação cristã, o autor do livro *Bases da educação cristã*, Hayward Armstrong (1994), desenvolve seu livro em cinco partes; na primeira sessão, ele apresenta as bases Bíblicas da educação cristã; que para ele, a educação cristã começa no antigo Israel, ou seja, a mesma, tem suas bases na educação judaica. No entanto essa educação judaica começa ser uma educação cristã a partir do momento que Jesus entra em cena, ele afirma que “foi em Jesus Cristo que a educação hebraica e a educação judaica começaram a caracterizar-se por longo tempo, assumindo marcas identificadas como cristãs, formando assim a educação cristã” (ARMSTRONG, 1994, p. 25). Posteriormente ele destaca a dificuldade de apresentar o momento em que essa educação começa a se desenvolver

devido ao grande período de perseguição do início do cristianismo; mas, o comportamento dos primeiros cristãos tinham um caráter educativo, já que a medida que iam passando e pregando o evangelhos deveriam ensinar suas novas doutrinas aos pagãos. Desta forma, ele destaca que no início as duas principais funções da educação cristã era o preparo para o batismo e servir de veículo para comunicar e conservar a nova tradição cristã.

Como o passar do tempo, ainda nos primeiros séculos da era cristã, Armstrong (1944) afirma que a igreja cristã foi se fortalecendo, enquanto o Império Romano enfraquecia, e daí começou a surgir “as escolas de catecúmenos, para a preparação dos conversos ao batismo; as escolas catequéticas, para instrução avançada; as escolas paroquiais, para a preparação do clero local; os mosteiros [...], e até universidades, para educação superior” (ARMSTRONG, 1994, p. 41). Mas o autor destaca que neste período a educação é mais uma educação religiosa do que propriamente cristã. Entre os destaques deste período apresentados pelo autor, estão os escritos de Agostinho de Hipona (354 - 430).

Em meados dos séculos XIV a XVI, aconteceram na Europa muitas mudanças políticas econômicas e religiosas, o que afetou também a educação cristã; com a revolução industrial e o surgimento de uma nova classe média, a forma de viver e pensar mudou, e assim a educação cristã, naquele momento mais fragilizada, teve que reagir com o Renascimento e a Reforma. A partir de então a educação cristã que basicamente era educação católica, passou a ter também uma linha de educação cristã protestante (ARMSTRONG, 1994, p. 57-68). De acordo com Claudino Piletti e Nelson Piletti (2013, p. 62-66) o modelo de ensino público moderno que se tem hoje se deu baseado nas ideias de Lutero. Ele quem começou com a ideia de ensino público para todos e com base em três ciclos: fundamental, médio e superior; os autores acrescentam que Lutero defendia a ideia de uma educação que não fosse só responsabilidade da escola, mas também da família. Assim, segundo os autores, devido à força da reforma protestante, surgiram as escolas cristãs protestantes, mas, a igreja católica responde esse crescimento educacional protestante criando a “Companhia de Jesus”, ou os Jesuítas, como ficaram conhecidos com o ensino de caráter essencialmente humanista.

Tendo agora um contexto da história da educação cristã, será dado um destaque para entender as ideias dessa educação. Começando com o teólogo Católico Sérgio Mendes (2017), em seu artigo Cristianismo e Educação, traz uma abordagem da tradição cristã e das linhas gerais da educação; em sua perspectiva, a educação cristã tem suas raízes em duas concepções distintas: a judaica e a greco-romana. Do judaísmo ela herda a importância quanto ao texto sagrado, e no que se refere a concepção greco-romana ela se influencia na retórica, na filosofia e na liturgia grega. Ele descreve em seu artigo Cristianismo e Educação (2017), que a filosofia da educação católica tem a ver com a pessoa humana, promovendo a mesma de uma forma integral, e o mesmo defende que, para conseguir atingir essa forma integral, é necessária uma “nova antropologia”. E ainda afirma que:

A práxis de Jesus é interpretada como uma pedagogia divina a ensinar-nos a verdadeira hu-



manidade a qual toda pessoa humana é chamada a realizar ao longo de sua vida. Entende-se, portanto, que a educação cristã não almeja outra coisa que colaborar para a formação de uma humanidade nova, à imagem de Cristo. (MENDES, 2017, p 6).

Já os mestres e doutorandos em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) Antonio Santos e João Santos, autores do artigo “A educação em contextos bíblicos”, ressaltam a importância da educação, mas também tentam trazer uma forma mais simplificada da mesma quando afirmam que, de uma forma simples, a educação pode ser “definida como o processo de ensino e aprendizagem, a transmissão e aquisição de conhecimento e habilidades” (SANTOS, A; SANTOS, J. 2017, p. 28). Ao fazerem uma abordagem da educação no antigo e novo testamento, destacam que “o Novo Testamento nos ensina diversas lições pedagógicas e teológicas importantes para a aplicação na educação cristã contemporânea. Primeiro, a educação atende a toda pessoa: corpo, emoções e vontade” (SANTOS, A; SANTOS, J. 2017, p. 35).

Por fim, o teólogo batista Roney Cozzer (2018, p. 3) traz uma abordagem mais evangelística da educação cristã, e destaca que “a Educação Cristã pode ser definida como um esforço pedagógico por parte da Igreja no sentido de compartilhar seus valores e princípios que são fundados nas Sagradas Escrituras”. O mesmo enfatiza a importância do estudo da bíblia, em especial os livros de sabedoria, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão, que segundo ele, esses livros são importantes para que o educador cristão crie bons aportes tanto para uma teologia de educação cristã, quanto para a formação pedagógica cristã. Para ele, o texto bíblico não serve apenas para munir os crentes de teologia, mas serve para educar novos cristãos. Desta forma, a educação cristã também se torna uma agente evangelizadora.

### **2.2.1 Educação cristã na visão Adventista do Sétimo Dia**

A rede educacional Adventista do Sétimo Dia surge em meados do século XIX; e um dos seus propósitos era “fazer um contraponto à educação livresca e elita até então predominante” (DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p. 22). Seu surgimento tem que ver com as tentativas de reformas educacionais daquele século e também com sua identidade de surgimento como igreja, pois os mesmos viviam com o sentimento de iminência da volta de Jesus e, desta forma, alguns pais começaram a negligenciar a educação de seus filhos. Tiago White, um dos pioneiros da igreja, os repreende e, em meados de 1853 e 1854, o curso começa a mudar. Com o objetivo de tirar seus filhos de influências seculares estabeleceram pequenas escolas que, em dois anos, pararam de funcionar. Porém em 1855, Ellen White e Tiago White deram início a uma escola em Battle Creek, nos Estados Unidos, mas também fecha após seis anos. Em 1872 a igreja funda sua primeira escola própria, mesmo ano em que Ellen White escreveu o primeiro livro intitulado A devida educação (DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA,

2009, p. 22-26). No Brasil, a educação adventista chegou em 1896, tornando-se, hoje, uma grande referência em educação em todo o país .

Na visão do teólogo Adventista George Knight (2017), descrita em seu livro intitulado “Educando para a eternidade: uma filosofia Adventista de educação”, a responsabilidade de educar é compartilhada entre a escola, a família, a mídia e a igreja, no entanto, entre todos, a família tem o principal papel. Para ele, uma boa educação é quando a família, a escola e as igrejas compartilham o mesmo ponto de vista. Para que isso aconteça ambos precisam ter a mesma filosofia de educação. Por isso, ele divide seu livro em duas grandes seções: na primeira ele aborda os fundamentos filosóficos, e a segunda, apresenta as implicações da filosofia para a educação Adventista.

Para o autor Knight (2017), é muito importante saber para onde se está indo, para então chegar ao destino em que se deseja. Ele destaca a filosofia como aquela que pode definir as metas a serem alcançadas. Para ele, o conteúdo filosófico se baseia em três categorias importantes: 1) a metafísica, que estuda a natureza da realidade; 2) a epistemologia, que estuda o que é verdade, e como se sabe isto; 3) e a axiologia, que tem a ver com o estudo dos valores.

Ele divide a metafísica em: 1) aspecto cosmológico, que tem a ver com a origem e o desenvolvimento do universo; 2) aspecto teológico, que tem a ver com a existência de Deus e sua relação com a humanidade; 3) aspecto antropológico, que tem a ver com a existência do ser humano, quem ele é, como ele funciona, qual sua condição moral, etc.; 4) por fim, o aspecto, que se concentra em explicar a natureza da existência. O teólogo afirma que “crenças metafísicas distintas levam a diferentes abordagens educacionais e, até mesmo, a sistemas distintos de educação” (KNIGHT, 2017, p. 20). Por isso, ele esclarece que a visão metafísica Adventista é uma visão Bíblica, e que é a cosmovisão Bíblica que define os assuntos a serem abordados por sua educação.

No que se refere a epistemologia, a Bíblia não só é apresentada como a principal fonte de conhecimento e autoridade, como também é a base para filtrar todas as outras fontes de conhecimento. Por fim, a axiologia, que tem a ver com os valores, é uma construção que deriva de uma perspectiva metafísica e da epistemologia bíblica. Ele afirma que “tanto a ética quanto a estética cristã são baseados na doutrina bíblica da criação” (KNIGHT, 2017, p. 49). Afinal, para o autor, a razão central para a existência das escolas adventistas é o ensino de seus valores cristãos e bíblicos.

Mas quais são esses valores da educação Adventista? O professor e pesquisador do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Haller Schunemann (2009), apresenta a educação como ligada intimamente com a salvação do indivíduo e, sendo assim, salvar é uma das funções da mesma. Para ele é importante que o educando reconheça seus pecados, aceite Cristo como seu salvador e, se isso não acontecer, a educação falhou; já o educador precisa ser um exemplo de Jesus e suas bases de educação é a Bíblia (como livro inspirado), a história e a Ciência. Por isso que os autores, Renato Gross e Janine Gross (2012), afirmam que não se deve separar a fé do conhecimento, pois, esses dois elementos



se relacionam, e podemos encontrar na bíblia que “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Isso ele relaciona com fé, já a verdadeira sabedoria é representada pelo texto que diz que: “o temor do Senhor é o princípio da Sabedoria” (Sl 111,10). No capítulo cinco do livro “Filosofia da Educação Cristã: uma abordagem adventistas”, é apresentado o contraste entre a sabedoria humana e a divina, com destaque para os professores das instituições Adventistas, que têm a responsabilidade de ensinar para restaurar, redimir e salvar; afinal, “os adventistas advogam a educação que permanecerá pela eternidade” (GROSS, R.; GROSS, J., 2012, p. 125).

A escritora Norte Americana Ellen White em seu livro Educação (2008), também apresenta uma visão mais ampla no sentido de ver a educação. Para ela, uma educação verdadeira “visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro” (WHITE, 2008, p. 13). Em seu livro Visões do Céu (2008), ela diz que: uma vez que a vida na terra deve ser vivida com princípios do céu, a educação aqui também deve ser uma indicação dos princípios celestiais. Por fim, para os adventistas, “o grande objetivo da educação é habilitar-nos a usar as faculdades que Deus nos deu, de tal maneira que exponhamos melhor a religião da bíblia e promovamos a glória de Deus” (WHITE, 1999, p. 146).

Desta forma, percebe-se que a educação confessional cristã tem bastante singularidade com a judaica, e por isso, apresenta princípios semelhantes para o desenvolvimento do educando. No entanto, a educação Adventista, tem uma ênfase muito forte de preparar o estudante para a eternidade, sem perder a importância da cognição terrena.

### 3 INTRODUÇÃO E ANÁLISE DE DEUTERONÔMIO E DO CAPÍTULO 6

Agora que já foi apresentado os princípios educacionais, um panorama da educação na visão judaica e cristã, e sua forma de ver educação, é importante fazer uma análise do capítulo seis de Deuteronômio para ver quais princípios educacionais podem ser encontrados nele. No entanto, antes disso, será feito uma breve introdução ao livro trazendo uma análise do seu título, apresentando sua autoria, data e tema que norteia o livro, e por fim, afunilando para o capítulo seis.

#### 3.1 TÍTULO

O arqueólogo bíblico J. A. Thompson (2006), comentando a respeito do título do livro, afirma que o mesmo foi retirado da tradução grega de uma frase do próprio livro (Dt 17,18), pois, segundo ele, nesse texto destaca que um futuro rei que viesse a governar Israel deveria receber “uma cópia desta lei”. Para ele, a septuaginta (LXX) traduziu erroneamente a frase to deuteronomion touto, que significa “esta segunda (ou repetida) lei” e “subsequente-

mente, a Vulgata transliterou o nome grego, Deuteronomium” (THOMPSON, 2006, p. 12). No entanto, o mesmo não considera essa tradução como inadequada. O Comentário Bíblico Adventista (2014, v. 1) afirma que o título em português, Deuterônômio, vem da Septuaginta (LXX), que literalmente significa “A Segunda [ou Repetida] Legislação”, porém, os Judeus se referem ao livro como “Estas palavras”.

### 3.2 AUTORIA E DATA

Por mais que alguns críticos chegaram a contestar a autoria do livro e sua homogeneidade, como afirma Victor Hamilton (2020), muitos são os teólogos que apresentam Moisés como sendo o autor do livro (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014; HENRY, 2003; HOFF, 1995). Para Victor Hamilton (2020), são tantas controvérsias que têm a respeito da autoria do livro que não é possível harmonizar e definir o verdadeiro autor. Por outro lado, Stanley Ellisen (2007), contesta, dizendo que a possibilidade desse livro ter sido escrito por outros autores no tempo de Josias (621 a.C), por exemplo, tem sido posta de lado em razão de desacordo quanto à data. Além disso, ele afirma que é muito forte a posição de que o livro tenha sido escrito por Moisés, por haver referências no livro e na Bíblia que atestam a Moisés a autoria.

Algumas provas bíblicas são importantes para atestar a autoria mosaica do livro. Primeiro, na introdução do próprio livro (cap. 1:1, 5), é explanado que as palavras que virão a seguir são de Moisés, e no fim do livro (cap. 31:9, 24-26), tem uma referência bem forte, pois fala que “tendo Moisés acabado de escrever, integralmente, as palavras desta lei num livro” (v. 24), entregou aos levitas. Além disso, no novo testamento possui citações que também apontam ele, como sendo o escritor, um exemplo é que em Mateus 19,7, Jesus credita a Moisés o que está escrito em Deuterônômio 24,1-4; fora esse existem outras citações (ver Mt 22,24 com Dt 25,5; At 7,37 com Dt 18,15; Hb 12,21 com Dt 9,19, etc.).

Definindo Moisés como o escritor do livro, fica mais fácil definir sua datação. Alguns pontos serão considerados importantes para definir a datação do livro. Primeiramente, no próprio livro é apresentada a expressão “hoje”, repetida por mais de 60 vezes (ELLISEN, 2007) o que dá a entender que o mesmo foi um discurso em um único dia. O capítulo 34 demonstra que Moisés morreu por volta daqueles dias, e tudo isso aconteceu antes da entrada em Canaã (Dt 34;4).

Outro ponto importante é definir a data do êxodo, pois se passaram quarenta anos desde a saída do Egito (Nm 14,34; Dt 1,3). Pegando o ano aproximado entre 1450 – 1440 a.C que é a possível data do êxodo (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014; HOFF, 1995), e colocando os quarenta anos de peregrinação no deserto, chega-se à conclusão que o livro tenha sido escrito entre 1410 – 1400 a.C. Stanley Ellisen (2007) chega a definir a data de 1405 a.C.

### 3.3 TEMAS E ESBOÇO DO LIVRO



O livro é dividido em quatro discursos de Moisés, que começam com: “são estas as palavras” (Dt 1,1; 29,1) no primeiro e terceiro discursos; “está é a lei” (Dt 4,44) no segundo, que é o maior discurso e o centro do livro com as repetições das leis; e no fim “estas palavras” (Dt 31,1), no quarto e último discurso. Cada um traz nuances diferentes, sendo “o primeiro para memórias históricas. O segundo, para a lei. O terceiro para a fidelidade a Javé e suas consequências, e o quarto para as bênçãos dadas às tribos” (NASCIMENTO, 2012).

- I. Primeiro discurso (1,1- 4:43)
- II. Segundo discurso (4,44 – 29:1)
- III. Terceiro discurso (29,2 – 30:20)
- IV. Quarto discurso e morte de Moisés (31,1 – 34,12)

Pegando esses discursos e analisando o maior deles, que é o segundo, pode-se extrair os principais temas teológicos do livro. O mestrando em ciência da religião Lucas Nascimento (2012), apresenta que o livro de Deuteronômio pretende convencer o leitor das leis do Senhor, e o mesmo faz jus ao seu nome, pois os judeus consideravam a primeira lei, a lei do Êxodo e sua repetição vem no livro de Deuteronômio. Matthew Henry (2003) em seu comentário Bíblico também afirma que Deuteronômio apresenta novamente várias partes dos três livros anteriores do pentateuco e acrescenta que o livro foi transmitido oralmente e escrito por dois motivos específico, oralmente para comover o povo e escrito para mostrar sua perpetuidade, ou a perpetuidade da mensagem.

É bem notável que um dos objetivos do livro é preparar uma nova geração para entrar em Canaã, por isso o livro tem uma conotação de sermão, com exortações, promessas, enfatiza o amor a Deus, repete o decálogo com uma nova razão pelo qual guardar o sábado, e além disso “adverte Israel quanto ao passado, presente e futuro e alude às quatro alianças do AT feitas com a nação. Este livro trata de um maior número de questões de relacionamento humano que qualquer outro livro (ELLISEN, 2007, p. 71-73).

A temática desenvolvida no livro é de cunho “histórico, legislativo e exortativo”, o mesmo apresenta o decálogo como a base da aliança entre Deus e o povo de Israel, exortando-os a obedecer e ainda apresenta as maldições de uma desobediência a essa aliança (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, v. 1, p. 1041).

Paul Hoff (1995) em seu livro, O Pentateuco, apresenta quatro propósitos para o livro, que são: 1) a preparação do povo para a conquista de Canaã, 2) apresentação dos preceitos da lei para a vida futura em Canaã, 3) instruções e advertências a respeito de várias coisas, tais como, como identificar profetas verdadeiros dos falsos e sobre a importância e as bênçãos da obediência, enquanto também apresenta os malefícios da desobediência, 4) por fim estimular o povo à obediência da lei.

### 3.4 DEUTERONÔMIO 6

Ainda segundo Paul Hoff (1995) em Deuteronômio 6 encontra-se o texto que é chamado pelos Judeus de Shemá em referência a primeira palavra do verso 4 “ouve”, o mesmo é repetido duas vezes por dia pelos Judeus piedosos, e traz uma representação da fé monoteísta, e que esse Deus deveria ser amado acima de tudo. Por fim, além da ordem de guardar essas palavras no coração, os pais tinham o dever de ensiná-lo para os seus filhos, sendo assim, uma advertência contra a idolatria e um chamado à obediência.

Para Thompson (2006), Deuteronômio 6,4-9 traz a expressão que era a confissão de coração do povo de Israel, onde Deus era apresentado como único, e somente Ele deveria receber adoração, e que esse ensinamento deveria ser repassado às crianças Judaicas. Ambos eram chamados à obediência, que não era legalista mas baseada no amor, pois de acordo com o autor, “a extensão do amor do homem a Deus deveria ser total. Israel deveria amar a Deus com todo o seu ser” (THOMPSON, 2006, p. 116). E esse deveria ser um tema constante em casa, com a esposa, com os filhos; era de responsabilidade da família estar em constante contato com esse assunto, pois isso deveria estar inculcado, e a lei não mais em tábuas de pedras, mas no coração. O Comentário Bíblico Adventista (2014, v. 1) relaciona a palavra inculcar com a responsabilidade dos pais de instruir os filhos.

No quesito de educação, o shemá traz referências claríssimas da responsabilidade dos pais de educar os filhos (THOMPSON, 2006; COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, v. 1; HOFF, 1995). No entanto, Matthew Henry (2003) comenta o texto de forma bem mais abrangente: além dos pais terem a responsabilidade de educar os filhos, todos que de alguma forma estiver sob o nosso cuidado, deve receber essa educação. E Renan Souza (2014) afirma que Deuteronômio 6,4-9, é uma das fundamentações bíblicas que apresentam as bases de uma educação cristã; para ele, os pais devem primeiro amar a Deus sobre todas as coisas, e depois disso ensinar de forma constante e diária os filhos, formando assim o seu caráter, e essa responsabilidade primária não pode ser passada para a igreja, ou escola, etc., por mais que elas possam ajudar.

#### 4 ESTUDANDO OS PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS DE DEUTERONÔMIO 6

Na sessão anterior, já foi destacado que esse capítulo traz referências importantes a respeito da educação. Agora, serão identificados e analisados os princípios educacionais. Princípios tais, nos quais aparecem as bases da educação, as características do educador, e por fim, as respostas que essa educação deve gerar no educando. No texto foram encontrados seis princípios educacionais que são: 1) a revelação divina como base da educação cristã; 2) educação teocêntrica; 3) educação em tempo integral e informal; 4) educação re-orientada; 5) educador coerente com o ensino; 6) pais, os principais agentes educadores. A seguir será apresentado a análise de cada um deles.

##### 4.1 A REVELAÇÃO DIVINA COMO BASE PARA A EDUCAÇÃO CRISTÃ



Em Deuteronômio, Moisés faz uma repetição das leis judaicas. No capítulo cinco, por exemplo, o autor faz uma repetição do decálogo (Dt 5,7-19), os mesmos dez mandamentos encontrados em Êxodo 20,1-17. Já no início do capítulo seis, Moisés esclarece que os “mandamentos, os estatutos e os juízos” (v.1) deveriam ser “ensinados” e “guardados” (Dt 6,1 e 2) pelo cidadão israelita e deveriam ser passados de geração em geração. Quatro palavras importantes se repetem constantemente: “Mandamentos” (4 vezes), “estatutos” (5 vezes), “juízos” (2 vezes), “testemunhos” (2 vezes). Mas em que consistia os “mandamentos, estatutos, juízos e testemunhos” de Israel?

A palavra “mandamentos”, originalmente *Mitzvah* ( מצוה ) aparece 180 vezes no antigo testamento, sendo 43 somente em Deuteronômio, e na maioria de suas ocorrências está relacionado a vários sentidos da Torah (Lei), tanto às leis gerais de Deus, quanto à legislação mosaica em geral (VANGEMEREN, 2011, v. 2, p. 1067). Ou seja, todo o conjunto de leis deveria ser a base da educação judaica, não somente o Shemá. No entanto, mais pra frente, no Novo Testamento, Paulo afirma que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino” (2Tm 3,16). E sendo assim, fica perceptível que a base da educação cristã precisa ser toda a bíblia, e as verdades nela apresentadas.

Já “estatutos”, “*huqqim*” ( חוקים ) literalmente é traduzido por “obrigações e estatutos”, ou “hoq”, que traz um significado de “porção, obrigação, lei, ordem” etc., e suas ocorrências, geralmente estão associadas a “torá, mispât, e miswâ”, que também se referem à lei, mas alguns autores associam hoq à lei cultural e mispât à lei civil, e por mais que seja difícil definir isso, é certo que suas maiores ocorrências estão relacionadas a contextos culturais (VANGEMEREN, 2011, v. 2, p. 249).

E “juízos”, ‘*Mispat*’ ( משפט ) aparece 84 vezes no pentateuco, sendo 37 só em Deuteronômio, e tem conotações jurídicas, geralmente entre Deus e os Israelitas, e pode ser traduzido por “julgamento, decisão por arbitragem, especificações legais, caso legal, reivindicação legal” (VANGEMEREN, 2011, v. 2, p. 1140). Por mais que esta palavra esteja muito associada a aspectos civis, ela também está associada com aspectos religiosos, ela aparece, por exemplo, antes e depois do decálogo (Dt 5,1, 31; Dt 6,1). Aqui está um dos grandes motivos pelo qual era importante ensinar os mandamentos aos filhos, pois eles serão julgados pelos mesmos. Posteriormente Salomão escreveu que todos deveriam guardar os mandamentos de Deus, pois “Deus há de trazer a juízo todas as coisas (Ec 12,13-14). A palavra aqui, para juízo, é mispât, ou seja, o julgamento de Deus é de acordo com o que está revelado em palavra. E o estudo baseado na Bíblia tem o objetivo de tornar o educando “perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3,16).

Por fim, “testemunhos” ou no hebraico “*Edut*” ( עדות ) que significa “estatutos, estipulações, sinal de aviso e memorial [...] e normalmente, refere-se às leis não específicas ou mandamentos de Deus a seu povo” (VANGEMEREN, 2011, v. 3, p. 330). Ela se refere a algo que deveria ser lembrado (Dt 6,20), por isso era um memorial. Em Êxodo, a arca feita recebe o nome de arca do testemunho/aliança, porque dentro dela continha uma porção do maná

(Ex 16,34; Hb 9,4) que era um memorial de que Deus era o mantenedor do povo; tinha o bordão de Arão que floresceu (Nm 17,8; Hb 9,4), que servia como memória ou sinal de que Deus estava vigiando seu povo e que, por ser fiel, cumpre suas promessas (Jr 1,11,12); e por fim ela continha as tábuas da lei que continha os dez mandamentos (Dt 10,5; Hb 9,4), que são a memória de quem Deus é, “Eu sou o Senhor, teu Deus” (Ex 20,2) e o que ele faz, “te tirei da terra do Egito” (Ex 20,2). Além disso, Edut é uma ordenança e um sinal de aviso, que pode ser visto como uma aliança. Podendo concluir que os testemunhos são a memória da aliança, que Deus faz com seu povo, e em Salmos Asafe fala que elas devem ser transmitidas aos filhos (Sl 78,5).

Tendo em vista a análise dessas palavras, fica claro que a Bíblia é o principal manual para a educação cristã, na qual se encontra a vontade de Deus, a sua lei, as obrigações e os deveres do aluno para com Deus, etc. Ela ensina desde como se desenvolver culturalmente (hoq), como se portar civilmente (mispât) e moralmente (Mitzevah). E ela é um memorial (Edut) da vontade de Deus para com suas criaturas. Por mais que tenha sido escrita por homens, foi inspirada por Deus, sendo Ele o autor da mesma (1Pe 1,21).

Para Knigth (2017, p. 105), a Bíblia é a unidade que contém toda a verdade sendo um “documento fundamental e contextual no que tange todos os itens curriculares na escola cristã”. E, por mais que a mesma não tenha todo o conhecimento, ela apresenta “uma moldura de referências dentro da qual todos os tópicos podem ser estruturados e interpretados” (KNIGHT, 2017, p. 106). Para White (2008, p. 123-129) a revelação divina detém todos os princípios necessários para habilitar o ser humano para esta vida e para a futura. Ela afirma que seu conhecimento é importante para o desenvolvimento mental e espiritual. E, tudo que a ciência descobre, se vista de forma correta, estará de acordo com o conhecimento bíblico. Por fim, ela acrescenta que “em nossos educandários a Bíblia deve tornar-se a base de toda a educação” (WHITE, 2007, p. 429).

#### 4.2 EDUCAÇÃO TEOCÊNTRICA

A centralidade da educação que deveria ser ensinada e aprendida, era que, Deus deveria ser amado acima de tudo (v. 5). Essa educação é uma proteção contra a idolatria e os deuses falsos, pois os israelitas estavam rodeados de pessoas idólatras (v. 14). Um ponto importante é que esse Deus deveria ser o “único Senhor” (v. 4) deles. Isso porque Ele é bom, é Ele quem prolonga os dias (v. 2), dá mantimento, dá boas moradas (v.10), liberta da escravidão (v. 12), e ajuda a vencer seus inimigos (v. 18).

Os judeus deveriam ser educados a amar a Deus pelo que Ele é, pelo que Ele faz e fará. A importância do teocentrismo da educação era tão formidável que Moisés escreve explicitamente: “guarda-te, para que não esqueças o Senhor, que tirou da terra do Egito da casa da servidão” (v. 12), e sempre que os filhos perguntassem o significado dos “testemunhos, estatutos e juízos” (v. 20) de Deus, eles deveriam lembrar tudo o que Deus havia feito por eles e como os tirou da terra do Egito (v. 21-24) e lhes deu uma terra que “mana



leite e mel” (v. 3). A escritora norte-americana Ellen White (2008, p. 34) escreve em seu livro Educação, que o povo israelita tinha pouco conhecimento de Deus pelo fato de ter passado muito tempo na escravidão, por isso estava confuso com os falsos ensinamentos por terem passado muito tempo em contato com os ensinamentos pagãos, por isso, para que o povo progredisse moralmente, Deus “procurou dar-lhe o conhecimento de Si próprio”.

Se essa educação tivesse sido feita com excelência, o povo de Israel não teria sido levado a cativo anos depois à Babilônia porque deixou de adorar o Deus que o tirou da terra do Egito (Jr 2,5-6). E sendo assim, amando a Deus, seus filhos deveriam respeitá-Lo (v. 2, 13, 24), servi-Lo (v. 13, 18) e adorá-Lo (v. 13, 14). A palavra hebraica traduzida por amor:

é um termo geral que também sugere a ideia de “desejo”, “afeição” e “inclinação” como também a mais íntima união entre duas almas. A relação do crente com Deus é baseada no amor (IJo 4:19), e o amor é o princípio fundamental de Sua lei (Me 12:29, 30). Amar com perfeição é obedecer de todo coração (Jo 14:15; 15:10). (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, v. 1, p. 1067)

Isso lhes garantiria proteção e permanência na promessa de morar na cidade que receberiam. “O conhecimento de Deus, a companhia dEle no estudo e no trabalho, a Sua semelhança no caráter, deviam ser a fonte, os meios e objetivos da educação de Israel” (WHITE, 2008, p. 44).

Desta forma, fica claro que uma educação cristã não pode negligenciar o princípio de que o educando precisa conhecer a Deus, conhecer seus atos, sua forma de agir, e em especial, quem Ele é verdadeiramente, e o que Ele faz. Além disso, o educando precisa entender que Deus precisa ser amado, respeitado, servido e adorado. Ellen White (2007) afirma que em todas as atividades, incluindo as faculdades físicas, o aluno precisa aprender a amar a Deus de todo seu coração, alma, mente e força, e o educador alcança um grande objetivo quando consegue levar o estudante a amar a Deus e empregar suas forças de forma sábia e hábil. Além disso, acrescenta que “o Senhor quer a força física, e podeis revelar vosso amor para com Ele pelo devido emprego de vossas energias físicas” (WHITE, 2007, p. 273).

#### 4.3 EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL E INFORMAL

A forma de educar apresentada em Deuteronômio não é apenas um momento único e específico, essa ação é contínua e informal. Elber Mendes (2014, p. 2) comentando a respeito da informalidade da educação descrita neste texto, conceitua educação informal como todo ensino que excede o conteúdo formal da sala de aula, e a mesma se difere da educação formal, pois não tem tempo determinado, circunstâncias ou locais pré-definidos, no entanto o aluno está em contato constante com a mesma. Daí já é perceptível que a educação não acontece somente na escola, ou em cultos, mas deve ser assunto em casa, “andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (v. 7); além disso deveria estar atado como sinal na mão e na fronte (v. 8) e por fim escritos nos umbrais das casas (v. 9).

Em Deuteronômio 11,19, Moisés repete novamente a importância dessa educação em tempo integral e informal, e faz uma repetição do que é escrito em Deuteronômio 6,7-9. J. A Thompson (2006), afirma que os judeus levaram tão a sério a instrução de atar como sinal na mão e frontal entre os olhos (v. 8), que tempos mais tarde, fizeram isso de forma literal, eles pegaram alguns textos importantes como este, e escreveram em pequenos rolos e pequenos invólucros de couro e amarravam na testa e no braço esquerdo. Mas esse sinal deveria ter mais um sentido de memorial, “como uma marca interior que estava alocada no coração da pessoa através de seu relacionamento com Adonai, expandia seu significado para algo que identificava o hebreu como povo de Deus” (SOUZA, 2014, p. 17). Em Jeremias é possível ver que a vontade de Deus era para que os mesmos não se esquecessem um só momento da lei do Senhor, a ponto de não ter esses mandamentos apenas em pedras, mas a palavra hebraica que foi traduzida como “umbrais” é Mezuzá (מְזֻזָּה) que literalmente significa “ombreiras ou batente” (VANGEMEREN, 2011, v. 2, p. 907) ela aparece vinte vezes no antigo testamento e a ARA traduz como “ombreiras” nas 17 das 20 ocorrências (Ex 12,7, 22; 21,6; Jz 1,9; 1Rs 6,31, 33; 7,5; Pv 8,34; Is 57,8; Ez 41,21; 43,8; 45,19; 46,2) , sendo exceção as ocorrências de 1 Samuel 1,9 que é traduzido por “pilar”, e as duas ocorrências de Deuteronômio que são traduzidas por umbrais (Dt 6,9; 11,20), no entanto a NVI traduz por “batentes das portas”. Desta forma, percebe-se dois destaques formidáveis dos umbrais, primeiro que elas eram um pilar importante da construção, foi onde o povo de Israel marcou com sangue suas casas para não morrerem na décima praga no Egito (Ex 12,23), e destacado como as principais colunas da construção que Sansão derrubou (Jz 16,3); além disso essas ficavam na porta das casas (Dt 6,9).

Logo, o ensino da lei era tão constante, que era para ser lembrado como uma das principais colunas de Israel e ao entrar e sair de sua casa eles deveriam lembrar desse ensino. Até hoje é comum nos países do oriente serem escritas palavras de benção nos umbrais das portas (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, v. 1, p. 1067). Posteriormente o Salmista afirma que é feliz quem não se ajunta com os ímpios “antes, o seu prazer está na lei do Senhor, e na Sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1,2). Estudar, meditar e ensinar a lei do Senhor deve ser uma ação contínua.

No que tange à educação informal, a autora Ellen White (2004, p. 87-93) afirma que além dos conhecimentos curriculares comuns, é de suma importância, até para as escolas, ensinarem os afazeres domésticos, os princípios de higiene, habilidade financeira, a cuidar do corpo através de exercícios físicos e boa alimentação, isso o ajudará os alunos a terem uma familiarização com uma educação contínua, que ultrapassará as dependências das escolas, e que é importante para o dia a dia.

#### 4.4 EDUCAÇÃO REDENTIVA

Para entender o conceito de educação redentiva, primeiro se faz necessário entender de forma introdutória o plano da redenção. No princípio, após o sexto dia da criação, Deus



olha para sua criação “e eis que tudo era muito bom” (Gn 1,31). Ao colocar o homem e a mulher na Terra, Deus lhes deu uma ordem, segundo a qual poderiam comer de toda a árvore do Jardim. No entanto, de uma, eles não poderiam comer (Gn 2,16, 17). Porém, Adão e Eva desobedeceram o comeram do fruto (Gn 3,6), e por causa disso o pecado passou a todos os seres humanos (Rm 5,12).

Com o passar do tempo, o ser humano começou a se afastar de Deus, até ao ponto da “maldade ter se multiplicado na terra e era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6,5). A palavra para coração aqui (Leb) pode ser traduzido também por, ‘mente’, ‘consciência’, ou até mesmo, ‘tornar-se inteligente’, e “no AT, as palavras têm um uso metafórico ao centro da vida física e espiritual humana, a todo interior da vida de uma pessoa” (VANGEMEREN, 2011, v. 2, p. 479). Desta forma se percebe, que após a entrada do pecado, a cognição do homem se degradou, se tornou mau, pois o pecado “faz separação entre [ele] e Deus” (Is 59:2). As consequências do pecado foram terríveis. John M. Fowler (2011) afirma que, como resultado do pecado, Adão e Eva perderam a inocência, se distanciaram de Deus, o coração da raça humana se tornou impuro, os tornou alienados, além de deficientes físico, moral, mental e espiritualmente. Por isso, Collin Standish e Russell Standish (2002) descrevem os alvos da educação redentiva como rompendo os limites do imediato para as realidades eternas. E para George Knigth (2017, p. 85), “a educação é uma parte do grande plano de redenção ou expiação de Deus [e] seu papel é ajudar a levar o ser humano de volta a uma unidade com Deus, com o semelhante, consigo mesmo e com o mundo natural”.

Tendo esse contexto em mente e, agora voltando para Deuteronômio 6, percebe-se, o objetivo redentivo da educação sendo apresentado em todo o capítulo. Como já foi visto acima (ver seção ‘4.1’), os mandamentos que deveriam ser ensinados, além de ter relação com todas as leis mosaicas, em alguns momentos faz referência exata ao decálogo (Dt 10,4), e segundo Mário Veloso (2011) o decálogo tem a ver com a parte moral das leis e reflete o caráter de Deus, define a forma que o cristão deve viver e ele é uma expressão do amor de cada indivíduo para com Deus, pois seu princípio fundamental é o amor. O autor ainda acrescenta que “a lei provê direcionamento na vida do cristão, mostrando o tipo de vida que Deus quer que seu povo viva, em gratidão, fé e obediência” (VELOSO, 2011, p. 516). Assim a lei não redime o pecador, mas dá o direcionamento apontando para quem redime (Gl 3,24).

Além disso, o próprio shemá era uma exortação redentiva. Pois ele declara claramente que “o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (v. 4). A expressão “único Senhor” traz um contraste com os falsos deuses que os rodeavam (v. 14), ou seja, é um apelo contra a idolatria. Pois o SENHOR é o único verdadeiro Deus (v. 4), é o verdadeiro libertador (v. 12), é o único que merece ser temido, adorado (v. 13), amado (v. 5). Amor tal, que os pais deveriam ‘inculcar’ em seus filhos. Souza (2014, p. 16) afirma que:

Moisés usou o verbo para reforçar a intensidade do ensino que seria dado, algo que realmente penetrasse no íntimo do ser humano, que fosse além de uma mera repetição ou comunicação. As leis dadas pelo Senhor deveriam fazer parte não somente da base intelectual das pessoas, mas seriam um guia para sua vida, formando seu caráter e

influenciando suas atitudes. (SOUZA, 2014, p. 16)

Sendo assim, o educando precisa aprender a amar a Deus sobre todas as coisas. Isso deve ser verdadeiramente inculcado em sua mente (coração), pois o seu futuro e permanência em Canaã depende disso (v. 3). Esse princípio serve para entender que, um dos principais objetivos da educação cristã é preparar o educando para a eternidade, como afirma Ellen White (2008, p. 153), “a vida na terra é o princípio da vida no Céu; a educação na terra é a iniciação nos princípios do Céu”. E o autor George Knight (2017, p. 150), afirma que uma educação cristã só pode ser considerada cristã se tiver o objetivo redentivo, afinal, para ele “a função básica da educação cristã é levar os jovens a um relacionamento com Jesus Cristo que produza transformação e salvação”. Então, desta forma, os outros aspectos são secundários, pois eles também podem ser alcançados em escolas não cristãs.

#### 4.5 EDUCADOR COERENTE COM O ENSINO

Uma das características que mais se destacam no texto, referente ao educador, é que ele tem a responsabilidade de estar coerente com o que ensina, nada do que foi pedido para ensinar, não foi pedido antes para que ele mesmo o fizesse. Um dos pontos centrais do capítulo é o amor a Deus sobre todas as coisas (v. 5), e isso deveria ser ensinado aos filhos (v. 7). No entanto, antes de ensinar, os pais deveriam aprender a amar a Deus de uma forma tão profunda, que esse mandamento deveria estar no seu coração (v. 6). Pois desta forma, “antes de ensinar aos filhos, as expressões ‘amar a Deus’ e ‘ter as palavras no coração’ primeiro deve haver um relacionamento dos pais com Deus, para depois estarem aptos a comunicar as verdades bíblicas aos descendentes” (SOUZA, 2014, p. 20).

Eles também foram exortados a temer a Deus e servi-Lo (v. 2, 3, 14, 17, 18) e tudo isso deveria também ser ensinado aos seus filhos (v. 20-25). Nesse capítulo é apresentado o seguinte esquema: Deus ensina o povo, e o povo ensina os filhos. Esse deveria ser o esquema a ser seguido; o povo deveria aprender de Deus, e daí, ensinar aos filhos, como apresenta no quadro abaixo:



| Base Bíblica   | Tema do ensino                                                                                | Educador |
|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Versos 1 a 6   | Deus pede obediência a seus mandamentos, exige temor, e exorta a amá-Lo.                      | Deus     |
| Versos 7 a 9   | O povo deveria inculcar todas essas coisas acima nos seus filhos, através do convívio diário. | Os pais  |
| Versos 10 a 19 | Deus relembra sua história, seus livramentos, exorta à obediência, a adoração e ao temor.     | Deus     |
| Versos 20 a 25 | Quando os filhos perguntassem, essas mesmas coisas deveriam ser ensinadas a eles.             | Os Pais  |

Observando a tabela acima, mais uma coisa fica perceptível, Deus é quem dá a ordem primária para ensinar, tornando Ele também um educador de Israel, como está escrito: “Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o Senhor, teu Deus, se te ensinassem” (v. 1). Por conseguinte, o povo é exortado a amar a Deus. No entanto, esse mesmo Deus que exorta o povo a amá-Lo, é o que aparece amando-os. Como escreveu João: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16); e acrescenta: “nós o amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19). Renan Daniel de Souza (2014) afirma que esse amor que Deus pede para ser amado e ensinado, em Deuteronômio 6, tem a ver com uma resposta ao Seu amor salvífico e libertador. Desta forma Deus se torna um exemplo de educador, que ensina em Suas ordenanças, mas também em Seu exemplo, sendo assim coerente com Seu ensino.

No capítulo vinte e seis do livro o Lar Adventista, White (2004) fala do legado que os pais passam para os filhos, ela afirma que a condição física, mental e espiritual dos pais são repassadas para os filhos; e caso eles melhorem seus hábitos, naturalmente vão moldar seus filhos e a sociedade. Ela ainda declara que o caráter dos filhos revela o caráter dos pais, ou seja, seu exemplo, e sua vida é uma constante educação. Já no capítulo vinte e oito do mesmo livro, a autora se remete ao Éden, apresenta Deus como o exemplo de educador, ela declara: “Ele é o grande ensinador da humanidade. E Ele ordenou que os homens e mulheres fossem Seus representantes [...]. Aprendiam acerca de Deus e ensinavam os filhos a respeito de suas obras e caminhos” (WHITE, 2004, p. 181). Por conseguinte ainda escreve: “os pais que fazem da Palavra de Deus seu guia, e que compreendem quanto seus filhos dependem deles para a formação do caráter, dar-lhe-ão um exemplo que lhes seja seguro seguir” (WHITE, 2004, p. 187). Nestes textos, a autora resume a mesma ideia do princípio de educação encontrado em Deuteronômio 6, que o educador precisa ser coerente com o

que ensina. Os pais como exemplos de educadores, devem ensinar para os filhos o que aprendem de Deus.

#### 4.6 PAIS COMO OS PRINCIPAIS AGENTES EDUCADORES

Em todo o capítulo, existem pelo menos duas referências diretas e exatas quanto a essa responsabilidade dos pais na educação dos seus filhos. A primeira referência se encontra nos versos 7 a 9 e a segunda nos versos 20 a 25. Como já foi visto na tabela da sessão anterior, nos versos 1 a 6 e 10 a 19, Deus aparece como educador, ensinando aos pais o que eles deveriam ensinar para os filhos. Os versos 7 a 9 e 20 a 25, são os pais colocando em prática o que aprenderam com Deus. Abaixo serão analisadas palavras e termos que afirmam que os pais tinham o dever primário de educar os filhos, e apresentado a diferença entre a primeira e a segunda referência quanto a este princípio.

Ainda no verso 2, fica claro que os ensinamentos que o povo estava aprendendo, deveria ser passado de geração em geração, pois o autor escreve: “Eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho” (v. 2). Ou seja, essas ordenanças não eram apenas para eles, mas para suas gerações futuras. No entanto, agora soa a pergunta: quem deveria passar esses ensinamentos para os filhos deles? O verso 7 responde: “tu inculcarás aos teus filhos”. Era responsabilidade dos pais educar em casa, como está escrito: “falarás assentado em tua casa” (v. 7). Mas o pai também tinha a responsabilidade de ensinar na vida cotidiana: “andando pelo caminho, ao deitar-te, e ao levantar-te” (v. 7). A despeito disso White escreve: “o esposo e a esposa devem ser no lar sacerdotes, médicos [...], educando [os filhos] para que deixem cada hábito que milite contra a obra de Deus no corpo” (WHITE, 2004, p. 184).

Na segunda referência (v. 20 a 25), os pais também deveriam estar prontos para responder o questionamento de seus filhos. Precisavam entender o significado dos “testemunhos, e estatutos, e juízos” (v. 20), que o Senhor os havia ordenado. Em outras partes da Bíblia os pais são responsabilizados em explicar o significados de ritos (Ex 12,26,27). Além disso, deveria conhecer os feitos de Deus na história e passar aos seus filhos (v. 22). Isto também é visto em outros lugares, como por exemplo na explicação da consagração do primogênito os pais deveriam ensinar os filhos o que Deus tinha feito por eles (Ex 13,8), e no futuro Josué dá ordem semelhante para que os pais explicassem os significados das pedras tiradas do Jordão (Js 4,21). Isso se dava porque “a educação judaica estava focada na família [...], e as crianças recebiam dos pais a instrução moral e religiosa” (LOPES, 2019, p. 32).

O interessante é que na primeira ordem para educar os filhos, os pais deveriam ensiná-los a amar a Deus pelo que ele é, como mostra o texto: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás aos teus filhos ...” (v. 4-7). A autora White (2004, p. 183) afirma que a prioridade dos pais é ensinar os filhos por preceito e por exemplo obedecer a Deus, amá-Lo e confiar inteiramente no Senhor, para ela, o grande mal da sociedade está na negligência



dessa responsabilidade.

Já na segunda ordenança, deveriam ensinar o que Deus faz, ou o que Deus fez, como está escrito: “Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o Senhor de lá nos tirou com poderosa mão. Aos nossos olhos fez o Senhor sinais e maravilhas, grandes e terríveis [...] como tem feito até hoje” (v. 21,22, 24).

O dever de inculcar aos filhos tem o sentido de repetir algo constantemente, para penetrar no coração deles, a ponto de se estabelecer na vida do filho os preceitos comunicados. A necessidade de relembrar os atos salvíficos de Deus alcançava os aspectos visuais e materiais. Como memorial, a tradição judaica preservou o uso dos *teffilin* e *mezuzah*, para que vendo, a pessoa se recorde da aliança firmada com o Senhor e da Lei que demanda obediência. (SOUZA, 2014, p.20).

Em suma, não eram os rabinos, nem os reis, nem os juízes ou profetas, que tinham a principal responsabilidade de ensinar essas ordenanças, e além disso ensinar quem Deus é, o que Deus faz, o que Deus fez, e como amá-Lo, temê-Lo, e obedecê-Lo; mas era encargo dos pais fazer tais coisas. Como está escrito: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” (Pv 22,6). Essa responsabilidade era compartilhada entre o pai e a mãe, como afirma Vaux (2003, p. 4-7) que na cultura hebraica a mãe cuidava da educação da criança nos primeiros anos, depois ela ficava responsável para ensinar as meninas, e o pai ficava responsável de ensinar os meninos (p. 72-74). Ellen White (2004, p. 231) traz esse princípio, em parte, para a educação cristã, ela afirma que o mundo necessita de mães de verdade que “eduquem seus filhos a serem úteis neste mundo e para o lar no mundo melhor”; mas também fala que o pai não pode se omitir e “como chefe da família deve saber como educar os filhos [...]”. Durante os primeiros anos da vida de uma criança, o modelamento da disposição é tarefa especial da mãe; mas ela deve sentir sempre em sua obra que tem a cooperação do pai” (WHITE, 2004, p. 221). Ou seja, é literalmente dever primário dos pais, educar a criança, marido e mulher, juntos.

## CONCLUSÃO

Portanto, percebe-se que, conforme os dados apresentados acima, o capítulo 6 de Deuteronômio tem como um dos seus temas predominantes, a educação. Se tornando um parâmetro importante para conhecer os princípios que norteavam a educação judaica e, princípios tais, que são indispensáveis para a educação cristã. Afinal, existe uma relação muito próxima entre a educação judaica e a cristã. Pois, ambas possuem alguns objetivos em comum, entre eles, a importância da Bíblia como livro base em princípios, com o objetivo de redimir o educando, os preparando para uma nova vida ao lado de Deus.

No entanto, o conteúdo contido na Bíblia, não é apenas para preparar para uma vida futura, ele é importante para o ser humano como um todo. E fica claro que a Bíblia é o principal manual para a educação cristã, pois nela se encontra toda a vontade de Deus, a sua lei, as obrigações e os deveres do aluno para com Deus, etc. Ela ensina desde como se desenvol-

ver culturalmente (hoq), como se portar civilmente (Mispât) e moralmente (Mitzevah). E ela é um memorial (Edut) da vontade de Deus para com suas criaturas. Por mais que tenha sido escrita por homens, foi inspirada por Deus, sendo Ele o autor da mesma (1Pe 1,21).

Seis foram os princípios educacionais encontrados nesta pesquisa. E esses princípios, além de apresentar a Bíblia (revelação divina) como livro base da educação, também apresentam que o conteúdo central dessa educação precisa ser teocêntrico e redentivo. No que se refere à forma de educar, o texto analisando destaca a importância de um ensino em tempo integral e informal, de forma que o educando esteja em constante contato com a educação, principalmente em seu lar. O que faz de seus pais os principais agentes educadores, tendo eles a responsabilidade de amar a Deus acima de todas as coisas, e repassar esse amor aos seus filhos, sendo assim, eles deveriam estar coerentes ao ensino que os mesmos estavam ensinando.

Os pais não devem delegar a outros a responsabilidade da educação dos seus filhos. O estado, a sociedade, a igreja, podem ajudar, mas é função dos pais o encargo de inculcar o legado da graça em seus filhos. Eles devem ensinar quem é Deus, o que Ele fez, faz e fará. E somente desta forma a educação terá atingido seu objetivo final. Pois o pecado distorce essas características de Deus, mas a verdadeira educação, pautada nos princípios de Deuteronômio 6, deve restaurar a imagem de quem Deus é, fazendo o estudante também amá-Lo de todo o seu coração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- BELLO, Ruy de Ayres. **Pequena história da educação**. 12. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1978.
- COMENTÁRIO Bíblico Adventista**: a Bíblia sagrada com o comentário exegético. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. (Logos, 1).
- COZZER, Roney Ricardo. **Aportes para a educação cristã nos livros de sabedoria do antigo testamento**. Revista REPAS. v. 3, 2018. Disponível em: <<https://repas.com.br/revista/index.php/repas/article/view/16/16>>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o antigo testamento**: um guia com esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- FOWLER, John M. Pecado. In: DENDEREN, Raoul. **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. Cap. 7. p. 262 – 304.



GROSS, Renato; GROSS, Janine. **Filosofia da educação cristã**: Uma abordagem Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

HAMILTON, Victor P. **Manual do pentateuco**. 2. ed. Bangu: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2020.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico de Matthew Henry**. Bangu: CPAD, 2003.

HOFF, Paul. **O pentateuco**. São Paulo: Editora Vida, 1995.

KNIGHT, George R. **Educando para a eternidade**: Uma filosofia Adventista de educação. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

MENDES, Sergio Gonçalves. **Cristianismo e Educação**. Revista Criatividade. Ano 8, n. 2, 2017a. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_cre.php?strSecao=fasciculo&fas=50238&NrSecao=X3&nrseqcon=31610](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_cre.php?strSecao=fasciculo&fas=50238&NrSecao=X3&nrseqcon=31610)>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MENDES, Eber. **O conceito de educação informal na pedagogia judaica**. Revista Eletrônica Conhecimento em destaque. v. 3, n. 7, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://ead.souffabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/download/84/80>>. Acesso em: 26 abr. 2021

MENSLIN, Douglas. **Educação Adventista**: realidade em expansão. Revista Pistis e Praxis. v. 9, n. 3, pp. 666-683, set. /dez., 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/11138/22469>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

NASCIMENTO, Lucas Merlo. **Ensinar as memórias exegese histórico-social de Deuteronômio 6:20-25**. Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2012.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação**: de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SANTOS, Antonio Carlos Soares dos; SANTOS, João Batista Ribeiro. **A educação em contextos bíblicos**. Revista Caminhando. v. 22, n. 1, p. 27-36, jan. /jun. 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/229072868.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SOUZA, Renan Daniel de. **Ensino Bíblia e da educação cristã**: Reflexão teológica em Deuteronômios 6:4-9. Revista Hermenêutica. v. 13, n. 2, 2014.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. **A Educação Confessional Fundamentalista no Brasil Atual**: Uma análise do sistema escolar da IASD. REVER: Revista de Estudos da Religião. Ano 9, pp. 71-97, setembro, 2009.

STANDISH, C., STANDISH, R. **Uma Visão Adventista da Educação**. Tradução de Gerson Pires de Araújo. Engenheiro Coelho: Gráfica Alfa, 2002.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2006.



Titulo I e II– DA EDUCAÇÃO, Art. 1, 2 e 3. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 26 abr. 2021.

VANGEMEREN, Willem A. (Org.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do antigo testamento**. 1. ed. Tradução equipe de colaboradores da Editora Cultura Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. v. 2.

VAUX, R. de. **Instituições de Israel no antigo testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

VELOSO, Mario. **A lei de Deus**. In: DENDEREN, Raoul. Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. Cap. 13. p. 510 – 548.

WHITE, Ellen. **E recebereis poder**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Visões do Céu**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da educação cristã**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **O lar adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.